

BREVES REFLEXÕES

Á CERCA DOS SEGUINTES PONTOS

- I. Que leis regulão a disposição dos orgãos verticillares da flôr: quer considerando os verticillos separadamente, ou em suas relações mutuas; quer o numero dos verticillos na flôr mais completa e o das peças de cada verticillo? O que indicará uma organização mais perfeita, a adherencia ou a liberdade das peças verticillares?
- II. Qual é o numero dos musculos do corpo humano? Em quantas regiões estão ou devem estar elles distribuidos?

ALGUMAS PROPOSIÇÕES Á CERCA

- III. Do regimen das classes pobres, e dos escravos na cidade do Rio de Janeiro em seus alimentos, e bebidas. Qual a influencia desse regimen sobre a saude?

THESE

Apresentada á Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e sustentada
em 4 de Dezembro de 1851

POR

ANTONIO JOSÉ DE SOUZA

DOUTOR EM MEDICINA PELA MESMA FACULDADE

NATURAL DO RIO DE JANEIRO

FILHO LEGITIMO DE

FRANCISCO JOSÉ DE SOUZA

Une these excellente,
.
Ja mais d'un ecolier ne fut l'apprentissage.
(BOILEAU, Art. poet.)



RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE LAEMMERT

Rua dos Invalidos, 61 B

1851

FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO.

DIRECTOR.

O SR. CONSELHEIRO DR. JOSÉ MARTINS DA CRUZ JOBIM.

LENTES PROPRIETARIAS.

Os SRS. DOUTORES:

1.º ANNO.

F. DE P. CANDIDO.	Physica Medica.
F. F. ALLEMÃO, <i>Examinador</i>	} Botanica Medica, e Principios elementares de Zoologia.

2.º ANNO.

J. V. TORRES HOMEM	} Chimica Medica, e Principios elementares de Mineralogia.
J. M. NUNES GARCIA.	
J. M. NUNES GARCIA.	Anatomia geral e descriptiva.

3.º ANNO.

J. M. NUNES GARCIA.	Anatomia geral e descriptiva.
L. DE A. P. DA CUNHA, <i>Examinador</i>	Physiologia.

4.º ANNO.

J. B. DA ROSA	Pathologia geral e externa.
J. J. DA SILVA.	Pathologia geral e interna.
J. J. DE CARVALHO, <i>Presidente</i>	} Pharmacia, Materia Medica, especialmente a Brasileira, Therapeutica e Arte de formular.

5.º ANNO.

C. B. MONTEIRO	Operações, Anatomia topographica e Apparelhos.
L. DA C. FEIJO, <i>Examinador</i>	} Partos, Molestias de mulheres pejudicadas e paridas, e de meninos recém-nascidos.

6.º ANNO.

T. G. DOS SANTOS.	Hygiene e Historia de Medicina.
J. M. DA C. JOBIM.	Medicina Legal.

2.º ao 4.º M. F. P. DE CARVALHO	Clinica externa e Anat. Pathologica respectiva.
5.º ao 6.º M. DE V. PIMENTEL	Clinica interna e Anat. Pathologica respectiva.

LENTES SUBSTITUTOS.

A. M. DE MIRANDA e CASTRO.	} Secção das Sciencias accessorias.
F. G. DA ROCHA FREIRE.	
A. F. MARTINS.	} Secção Medica.
.	
F. FERREIRA DE ABREU, <i>Examinador</i>	} Secção Cirurgica.
.	

SECRETARIO.

DR. LUIZ CARLOS DA FONSECA.

A MEU PREZADO PAI

O SR.

FRANCISCO JOSÉ DE SOUZA

E

À MINHA CARINHOSA MÃI

A SRA. D.

ZEPHERINA LUIZA DO AMARAL.

Conheço quão limitado é este signal de meu reconhecimento; attendei pois, Senhores, sómente aos sentimentos que me animão nesta solemne occasião de minha vida. Vós comprehendéis de certo que se a qualquer filho é sempre impossivel o remunerar aos pais, a mim succede que minha divida para convosco será eterna; assim como eterna minha gratidão. Abençoi-me para que seja feliz

Vosso filho.

A' MEMORIA

DE MINHA EXTREMOSA CONSORTE

A SRA. D. ANNA JOAQUINA DA SILVEIRA.

TRIBUTO DE SAUDADE!

À MINHA CARA FILHINHA

MARIA CAROLINA DE SOUZA.

Quando apenas balbuciavas o nome daquella, de quem tu eras as delicias, foste uma manhã despertada do somno da innocencia, não por esse osculo materno costumado; mas sim por minhas lagrimas. Então levei-te a beijar uma fronte já enregelada... Tinhas perdido tua mãe!... Antes, porém, que seus labios se tivessem cerrado para sempre, ainda uma vez proferirão: « Vêla sobre ella, e que te ame como sempre te amei... » Praza a Deus que como ella venhas a ser tão boa filha, tão desvelada esposa, tão extremosa mãe! Recebe a benção de

Teu pai.

À MINHA MUITO QUERIDA IRMÃ

A Sra. D. Joanna Theresa de Jesus.

Pequena prova de amizade fraterna.

A TODOS OS MEUS PARENTES EM GERAL

E EM PARTICULAR A MEU TIO

O Sr. Luiz Duarte do Amaral.

E Á MINHA PRIMA

A Sra. D. Maria Angelica da Conceição.

Signal de respeito e amizade.

A ILL.^{ma} SRA. D. MARIA ANGELICA DA SILVEIRA.

AO ILL.^{mo} SR. DR. JOSÉ MANOEL DA SILVEIRA

E SUA ESTIMAVEL CONSORTE

A ILL.^{ma} SRA. D. MARIA JOSÉ RIBEIRO DA SILVEIRA.

AO ILL.^{mo} SR. JOAQUIM JOSÉ DA SILVEIRA.

Expressão da mais cordial amizade, e de summa gratidão.

AO EX.^{mo} E REV.^{mo} SR.

D. MANOEL JOAQUIM DA SILVEIRA,

Bispo do Maranhão, do Conselho de S. M. o Imperador, Monsenhor da Santa Igreja Cathedral e Capella Imperial, Commendador da Ordem de Christo, Cavalleiro da de Francisco I de Duas Sicilias, Examinador Synodal, Professor de Theologia Moral e Reitor do Seminario Episcopal de S. José.

Homenagem de respeito e reconhecimento de um seu discipulo.

AO ILL.^{mo} E EX.^{mo} SR. TENENTE-CORONEL

JOSÉ JOAQUIM DOS SANTOS,

Cavalleiro da Ordem de S. Bento de Aviz, Cavalleiro das Imperiaes Ordens do Cruzeiro e da Rosa, Guarda Roupas-Honorario de S. M. I., etc.

Senhor, aos vossos paternaes conselhos e affectuosa sollicitude devo eu hoje o titulo que me ennobrece. Meus labios não são capazes de exprimir o que neste momento sente meu coração... Possa eu algum dia provar-vos meu reconhecimento!...

AO MUI DISTINCTO CIRURGIÃO E MEU MESTRE

O III.^{mo} Sr.

MANOEL FELICIANO PEREIRA DE CARVALHO,

Cavalleiro da Ordem de Christo, Doutor em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, formado em Cirurgia pela Academia Medico-Cirurgica, Lente de Clinica externa e Anatomia Pathologica respectiva da mesma Faculdade, primeiro Cirurgião do Hospital da Misericórdia, membro da Imperial Academia de Medicina, etc., etc., etc.

Semper bonos, nomenque tuum, laudesque manebunt
Quae me cumque vocant terrae... (VIRG.)

Ao meu predilecto Amigo e Collega

O ILL.^{mo} SR. DR.

Francisco Xavier da Veiga

E Á SUA RESPEITAVEL FAMILIA.

Quid dulcius, quam habere, quicum omnia
audeas sic loqui, ut tecum? (CIC. DE AMICITIA.)

Ao III.^{mo} Sr. João Pedro da Veiga.

Sympathia e respeito.

A' ILL.^{ma} SRA. D.

IGNACIA THERESA DE JESUS.

Signal de reconhecimento pelos seus cuidados em minha infancia.

À MEMORIA

DO MUITO REVERENDO PADRE JOÃO DUARTE DO AMARAL.

Mihi quidem, quamquam est subito ereptus, vivit
tamen, semperque vivet. (CIC. DE AMICITIA.)

Ao Ill.^{mo} Sr.

JOSÉ JOAQUIM DA SILVA RIBEIRO

E A TODA A SUA FAMILIA

E EM PARTICULAR

Ao Ill.^{mo} Sr. José Joaquim da Silva Ribeiro, filho.

Mui limitada prova de sincera amizade.

AOS ILL.^{mos} SRS. DOUTORES

JOSÉ JOAQUIM MONTEIRO DOS SANTOS.

JOSÉ RIBEIRO DE SOUZA FONTES.

MARIANNO ANTONIO DIAS.

FELICISSIMO JOSÉ FREIRE DURVAL.

JOAQUIM LUIZ DO BOM-SUCCESSO.

LUIZ BOMPANI.

*Nihil est, quod malim, quàm me et gratum
esse, et videri. (Cic. orat. pro Ca. Plancio.)*

A TODOS OS MEUS COLLEGAS E AMIGOS

E PRINCIPALMENTE OS SRS.

DR. EUGENIO CARLOS DE PAIVA.

DR. CANDIDO JOSÉ CARDOSO.

DR. JOSÉ MARIA RODRIGUES REGADAS.

DR. CARLOS FERREIRA DE SOUZA FERNANDES.

DR. FRANCISCO FERREIRA DE SIQUEIRA.

DR. JOSÉ DA CUNHA PINHEIRO.

REV. VIGARIO MARCOS CARDOSO DE PAIVA.

DR. ANTONIO JOAQUIM DE MIRANDA NOGUEIRA DA GAMA.

Tributo de amizade do

DR. ANTONIO JOSÉ DE SOUZA.

PRIMEIRO PONTO.

Que leis regulão a disposição dos órgãos verticillares da flôr, quer considerando os verticillos separadamente, ou em suas relações mutuas, quer o numero dos verticillos na flôr mais completa e o das peças de cada verticillo?

O que indicará uma organização mais perfeita, a adherencia ou a liberdade das peças verticillares?

Ye flowers of beauty, pencilled by the hand
Of God who annually renewed your birth,
To gem the virgin robes of Nature chaste.
Ye smiling-featured daughters of the Sun!
Fairer than queenly bride,

Watched by the stars and offering every morn,
Your incense grateful both to God and man!

(POLLOCK'S, *course of Time*.)

A flôr é essencialmente formada pelos órgãos da reproducção.

Flos, diz Linneo, *ex anthera et stigmatē nascitur, sive tegumenta adsint, sive non.*

Liga o vulgo a idéa de flôr a essas partes de um vegetal não verdes, porém mais ou menos brilhantemente coloridas, e ordinariamente odoríferas. Ora na verdade, foi nessa parte do vegetal que o Autor da natureza parece ter reunido tudo quanto pôde deleitar a vista, não só a respeito de elegancia e variedade de fórmás, como também a respeito de magnificencia e brilho

do colorido, e como se não contentasse de enriquecê-la com taes atavios, ainda muitas vezes a faz exhalar os mais deliciosos perfumes; por isso, os antigos entusiasmados á vista de tanta belleza, nella apenas vião um ornato das plantas, e bem longe estavam de suspeitar que esses ricos envolveros acobertavão órgãos reproductores. Veio depois a observação desvendar-lhes os olhos; e para logo reconhecerão-se no centro desses atavios partes menos brilhantes e de uso ainda incognito. Mais tarde subiu de pònto a admiração, quando a experiencia veio rasgar o véo mysterioso e fez saber que essas mesmas partes, até certo tempo desapercbidas e depois reputadas inúteis, erão na realidade ás mais importantes, e destinadas á reproducção e multiplicação do vegetal; entretanto que aquellas que parecião, só ellas, constituir a flôr, não erão mais do que partes accessorias, e só com o fim de proteger os órgãos indispensaveis. (*) Foi desde então que, por investigações mais aturadas, na maior parte das plantas até ahí consideradas como privadas de flôres, por isso que erão despidas de envoltorios coloridos, órgãos reproductores forão encontrados. Dahi a distincção, na flôr, de órgãos de reproducção, unicos indispensaveis, e órgãos de protecção, os quaes não sendo tão necessarios, são extremamente uteis, e poucas plantas ha que delles sejam completamente desprovidas. Dahi a divisão dos vegetaes em Cryptogmas, ou que apresentam os órgãos reproductores pouco desenvolvidos, e em Phanerogamas, ou que os apresentam bem evidentes. Além disto como os órgãos de reproducção dos primeiros são de estructura a mais simples, ás vezes apenas em esboço, conhecidos pelo nome de *sporos* e differentes do embrião, tem-se chamado a esses vegetaes Acotyledoneos, isto é que não tem embrião para distingui-los dos Embrionados ou Phanerogamos, que são, como dissemos, providos de flôres propriamente ditas, e por consequencia de grãos e de cotyledone-germen ou feto vegetal e segundo este é de uma só peça e pela germinação desenvolve uma unica folha, ou é de duas, assim esses vegetaes estão divididos em Monocotyledoneos e Dicotyledoneos.

A flôr é ordinariamente sustentada por um ramo curto, que é uma conti-

(*) As experiencias de Botart, Grew, Camerarius e outros se deve a demonstração dos órgãos sexuaes das plantas, isto em fins do seculo XVII. Forão elles que pela estructura e uso do pistillo, ou carpellas o compararão aos órgãos geradores da femea, nos animaes, e os estamos aos órgãos genitales masculinos.

nuação do caule; é o *pedunculo*. Na parte superior deste vê-se uma superfície em forma de cône truncado, ou allongado, onde se inserem os órgãos floraes; é o *receptaculo* ou *thòro*. Ahí esses órgãos estão, quando a flôr é completa, dispostos commummente em quatro circulos concêntricos que tem o nome de *verticillos*, isto é, que estão em series circulares, como se contivessem uns aos outros, o que parece, quando os órgãos se achão excessivamente approximados e o receptaculo mui contrahido. Isso porém não succede quando este se allonga no centro da flôr, como servindo-lhe de eixo, porque notão-se então os órgãos verticillares, si bem que ainda mui approximados, dispostos em espiral.

De todos esses órgãos assim verticillados o mais interior e que se acha no centro da flôr, chama-se *gynæceo*: é formado pelas carpellas, ou órgãos femininos, que por sua soldadura constituem o *pistillo*. Compõe-se este de tres partes, de *ovario*, *estylete* e *stigma*.

É o segundo verticillo, ou *androceo* formado pelos *estames* ou órgãos masculinos. São esses filamentos, que de ordinario formão como uma corôa em torno do pistillo. Cada um se compõe de *filete* e *anthera*, especie de bolsa que encerra o *pollen* ou pó fecundante.

O terceiro é a *corolla*, que fórma em roda dos estames e pistillo uma corôa que enfeita e protege a flôr. Destinada a estar em contacto com os delicados órgãos da fructificação, devia ser seu tecido fino e delicado. Todavia não é ella destituida de certo gráo de força; parece pois que, ao forma-la, buscou a Natureza mostrar até que ponto é capaz de juntar a delicadeza á solidez. E com que successo não o comprovou? A elegancia do porte, a delicadeza das fórmas, a riqueza e variedade das côres, a suavidade dos perfumes, a finura e a força do tecido; taes são os dotes com que ella mimoseou o envoltorio corollino. Si a corôlla é composta de muitas peças, as quaes tem o nome de *petalas*, ella chama-se *polypetala*, si de uma só, diz-se *monopetala* ou *gamopetala*.

O quarto verticillo e mais exterior, conservando em geral a côr e estrutura da folha, é o *calix* que póde ser *polisepalo* si é formado de muitas peças que tem o nome de *sepalas*, ou *monosepalo* si de uma só.

A estes dous ultimos verticillos, que são tambem chamados envoltorios floraes deu Linneo o nome de *periantho* e Erhart e M. de Candolle o de *perigoneo*.

Dá-se o nome de flôr completa à que reunir todos esses verticillos, isto é, carpellas, estames, corolla e calix.

Acontece, porém, que um ou mais órgãos faltão. Si é o calix a flôr diz-se *monoperiantha* ou *monochlamydea*; quando tem calix e corolla, chama-se *Dipariantha* ou *Dichlamydea*.

Chama-se *achlamydea* ou nua a que não tem envoltorios floraes.

A flôr é dita *unisexuala* (*) quando apresenta um dos dous órgãos sexuaes sem o outro; assim pôde ser só masculina ou só feminina, e a planta que as tiver de um só sexo é dita *dioica*, sendo chamada *monoica* a que tiver flôres de ambos. Si traz ambos em si, diz-se flôr *hermaphrodita*; si nenhum, é *neutra*.

Julgámos que não podíamos prescindir destes preliminares antes do desenvolvimento dos quesitos que formão o primeiro ponto de nossa these. Entremos pois em materia.

A disposição que se nota nos órgãos verticillares da flôr é analogia á que affecta os órgãos de nutrição; assim vemos um eixo representado pelo *receptaculo* (é neste caso o *caule* que não se allonga, ou antes se deprime), e os appendices que são *sepalas*, *petalas*, *estames*, *carpellas* que não são mais do que modificações de um unico órgão (a folha), como adiante provaremos. (**)

Si á primeira vista parece absurda esta analogia de disposição, não menos parecerá a idéa de considerar, como hoje considerão unanimemente os botanicos, todas as partes constituintes da flôr, posto que diferentes em fórmãs e côres, como outras tantas folhas mais ou menos modificadas; todavia essa analogia de disposição, sua symetria e cons-

(*) Na Arabia e em todo o Oriente já de tempos immemoriaes se opéra artificialmente a fecundação das tamareiras, que são plantas dioicas. Assim, são fecundados os ovarios, agitando-se sobre elles um ramo de flôres masculinas carregadas de pollen.

Nas plantas aquaticas a fecundação se faz neste caso de uma maneira maravilhosa, por exemplo na *Vallisneria spiralis*. Esta planta vegeta no fundo d'agua, e se encontra, além de outros lugares, no Meio-dia da Europa. O pedunculo das flôres femininas, que se acha enrolado em espira, allonga-se no tempo da fecundação, até que as corollas cheguem á tona d'agua, e nessa occasião desprendendo-se e boiando as flôres masculinas, são as femininas fecundadas. Immediatamente depois, a espira se reforma, e a flôr desce de novo ao fundo para ali amadurecer os fructos.

(**) Richard considera as flôres como ramos esgotados (epuísés).

tancia, caracterizando até espécies, serão objectos de immensos trabalhos, tanto na Allemanha, como na França.

Assim serão encontradas leis que presidem á disposição regular das folhas; assim foi conhecida essa nova parte da botanica, que se chamou *Phyllotaxia*, cuja descoberta se deve aos multiplicados trabalhos de Bonnet, Alex. Braun, Schimper e Bravais.

Foi de uma importancia transcendente uma tal descoberta; por isso que sendo essas leis applicadas á disposição de todos os órgãos appendiculares, se achão nellas comprehendidas todas as differentes partes componentes da flôr, que muitas considerações baseadas na observação de factos provão não ser mais do que folhas modificadas.

Em um grande numero de plantas observa-se que, á medida que as folhas estão mais proximas das flôres, vão ellas insensivelmente se modificando a ponto de não se poder quasi notar differença alguma entre as ultimas e os foliolos do calix.

As sepalas do calix conservão a maior parte dos caracteres das folhas, a mesma estrutura, e o mesmo modo de desenvolvimento.

As petalas são folhas mais profundamente modificadas em comparação das sepalas; comtudo, apezar de suas ricas e variegadas côres e delicadeza de seu tecido, nota-se nellas a mesma estrutura e natureza foliacea. Se seus utriculos não contém a materia corante verde (*chlorophylla*) elles encerrão fecula e liquidos, que lhes ministram essas côres, esse lustre, esse avelludado, que tanto as embelleza. Seu desenvolvimento é o mesmo que o das folhas, embora não actuem do mesmo modo sobre a athmosfera.

Quanto aos estames, não obstante alguma difficuldade em achar-se a analogia, comtudo é ella bem evidente muitas vezes. Considere-se o filete representando o peciolo da folha, e a anthera o limbo. Quando na folha quasi não existe peciolo, diz-se que ella é rente: diz-se que a anthera é rente, quando parece faltar todo o filete. Não existe ás vezes o limbo, e só resta o peciolo: não existe ás vezes no estame a anthera, e é elle representado sómente pelo filete, que, alargando-se então, toma a fórma das petalas. É isto muito commum nas flôres dobradas, partindo-se dos filetes mais interiores. São portanto os estames folhas modificadas, visto que se transformão em petalas, que tambem o são.

Não entraremos em maiores desenvolvimentos para provar que as carpellas são tambem folhas modificadas. Levar-nos-hia isso além do nosso

proposito, tornando-nos assaz prolixos. Diremos sómente que observações curiosas de Brongniart em 1844 provão de uma maneira evidente que as carpellas tem a mesma estrutura anatomica da folha, elle mesmo as vio com a fórma de folhas.

Julgamos ter provado pelo que acabamos de expender que a flôr é constituida por folhas mais ou menos modificadas; agora vamos ver que a semelhança ainda vai além, uma vez que as mesmas leis da Phyllotaxia presidem e regulão a disposição de todos estes órgãos.

As folhas podem achar-se arranjadas no caule de tres modos; assim são *alternas* quando collocadas só por só em alturas differentes. Esta posição é a mais frequente.

São *oppositas* quando ha duas, uma em frente da outra no mesmo plano horizontal.

São *verticilladas* quando arranjadas circularmente ou em corôa. Os pontos dos quaes brotão as folhas no caule chamão-se, *nós* e *entre-nós* ou *merithallos* os espaços entre aquelles pontos.

Uma lei quasi geral é que as folhas de um verticillo não se achão collocadas acima do verticillo inferior; porém em seu intervallo, ou por entre as folhas de dous verticillos successivos alternão sempre entre si.

Bonnet viu que fazendo-se passar de baixo para cima uma linha pelos pontos successivos donde partem as folhas alternas descrevia-se uma espira em volta do caule; que as folhas se achavão em uma relação quasi constante, separadas cada uma da que se lhe seguia, por parte igual da circumferencia do caule; de sorte que si se encontra uma collocada verticalmente ácima de uma primeira folha inferior, da aqual esteja aquella separada por um certo numero de folhas intermediarias a folha seguinte se achará collocada acima da segunda um igual numero de folhas intermediarias. Assim deu elle em geral o numero 5 para as folhas intermediarias, vindo a 6.^a a ficar em linha recta sobre a 1.^a; a 11.^a acima da 6.^a, e assim por diante. Em uma palavra, depois de uma ou mais voltas da espira, vem-se a encontrar uma folha exactamente collocada acima daquella que se toma por ponto de partida.

As folhas que se achão, seguindo a linha espiral, entre duas que se correspondem constituem um *cyclo*, e é de notar que em geral um mesmo *cyclo* se encontra em todos os individuos de uma mesma especie, e varia segundo as especies.

Além disto, quando as folhas são numerosas e mui juntas umas ás outras, não só existe uma espira dita primitiva ou geradora, mas ainda, outras chamadas *secundarias*. A primeira, difficil na verdade de distinguir-se neste caso, abraça, por assim dizer, a serie completa das folhas do caule entretanto que as segundas só abrangem um certo numero de folhas da mesma serie.

Finalmente, mui estudadas tem sido nestes ultimos tempos, essas combinações, e dahi se tem podido colligir leis de uma precisão quasi mathematica.

Nós temos até aqui considerado o eixo do qual partem os órgãos appendiculares, allongado, e os pontos donde surdem as folhas bem afastados uns dos outros: si porém nos lembrarmos que o eixo, onde se inserem as partes componentes da flôr (o receptaculo) não se allonga, e antes se estreita e se deprime, conceberemos a razão por que essas partes não poderão sempre apresentar bem distinctamente a disposição quicuncial ou em espira, a qual é tão commum no arranjo das folhas sobre o caule; mas pelo contrario parecerão se achar collocadas na mesma altura, figurando verticillos, e com essa disposição, a que os botanicos chamão *roseta*.

Da disposição relativa das peças verticillares da flôr.

As relações de posição das partes componentes de uma flôr completa, e cujos órgãos todos estejam perfeitamente distinctos, são as mesmas que se encontram nas folhas. Assim, si essas partes são dispostas por verticillos, as de dous verticillos successivos alternão regularmente entre si, si estão dispostas em alturas differentes, a linha que passar por suas inserções successivas formará uma espira. São estas espiras bem visiveis, por mui pouco que se multipliquem n'um eixo allongado essas partes, o que distinctamente se nota no verticillo calicino das camelias e nos estames e carpellas das magnolias. Portanto, as petalas alternarão com as sepalas, isto é, cada uma daquellas se achará collocada no intervallo de duas destas. Os estames alternarão com as petalas, e emfim as carpellas com os estames.

Esta correlação é geral, e assim firma a lei da alternancia, a qual parece não soffrer excepções, e quando alguma haja, não será senão apparente, podendo ficar reduzida á lei geral; todavia, para bem determinar a posição das partes que constituem os diversos verticillos floraes, Schimper e Braun admittem nas flôres um numero mais consideravel de verticillos. Para elles pois tres verticillos são duplos, isto é, podem haver dous verticillos de petalas, dous de estames, dous de carpellas. Geralmente porém todos esses verticillos não se desenvolvem, e ora, é o exterior que aborta, desenvolvendo-se o interior, ou vice-versa. Por esta hypothese, que em um grande numero de casos é por factos justificada, pôde-se explicar a posição anormal de alguns verticillos floraes.

Dous numeros se encontram commummente nos órgãos que compoem os verticillos da flôr; cinco ou um multiplo de cinco para os vegetaes dicotyledoneos; tres ou um multiplo de tres para os monocotyledoneos; por tanto, como diz Richard, pôde uma flôr completa de planta dicotyledonea ser definida um composto de cinco sepalas, de cinco petalas, alternando com as sepalas, de cinco estames, alternando com as petalas, e de cinco carpellas alternando com os estames. Uma flôr igualmente completa de planta monocotyledonea um composto de tres a seis sepalas, de tres a seis estames oppostos ás sepalas, de tres a seis carpellas que alternão com os estames.

Todavia este numero typico nem sempre se conserva, sobretudo nas dicotyledoneas e muitas são as causas que podem alterar esta regularidade sendo as mais frequentes as seguintes:

O augmento ou diminuição do numero dos órgãos de cada verticillo.

A soldadura desses órgãos entre si ou com os dos outros verticillos. O aborto de um ou mais verticillos.

A degenerescencia desses órgãos, mudando-os de natureza.

O que indicará uma organização mais perfeita, a adherencia ou a liberdade das peças verticillares?

Cremos que para responder a este quesito só nos bastará lembrar que, considerando-se as peças verticillares da flôr como folhas modificadas, devem ellas indicar uma organização tanto mais perfeita quanto mais livres estiverem, não só porque assim apresentam uma grande analogia com os órgãos de que se originão, como porque em geral se suppõe, e quasi sempre assim é, que as peças, que hão de compôr cada verticillo floral se achão no estado primitivo e normal distinctas umas das outras, e que só por accidente se reúnem e se soldão. Ainda mais: quando se estuda um verticillo floral em sua apparição primeira no botão, vê-se que vão pouco a pouco se destacando as partes distinctas de que mais tarde se ha de elle compôr.

Damos por este modo fim a esta parte do nosso trabalho, esperando da benevolencia de nossos juizes a desculpa de nossas imperfeições.



SECUNDO PONTO.

Qual é o numero dos musculos do corpo humano?

Em quantas regiões estão ou devem estar elles distribuidos?

Adhuc sub judice lis est.

(PHOEDRO.)

Si nesta materia, que parece tão fixa e constante, uma questão se apresenta, para cuja decisão não se póde talvez invocar o apoio de duas autoridades, é sem duvida a que constitue a primeira parte deste ponto. Que divergencia entre os anatomistas ácerca da enumeração dos musculos! Como será possível fixar-se seu numero, quando delles ha tal, que, sendo contado como um por alguns autores, outros o dividem em cincoenta e tantos? Ouçamos a alguns autores. « Pouca uniformidade reina, diz J. Cruveilhier, entre os autores ácerca da enumeração dos musculos. Segundo a maior parte, chega o seu numero a quatrocentos. Chaussier o reduzio a trezentos e sessenta e oito. Dependem estas differenças, de uma parte, de não haver entre os diversos musculos limites naturaes, tão bem estabelecidos como os que, por exemplo, separão os differentes ossos; e de outra parte, de se não ter firmado sufficientemente as bases para esses limites. »

« O numero dos musculos, diz Boyer, que enumera mais de quinhentos, não é de tal sorte constante que seja invariavel. Os anatomistas não são concordes; uns considerão como um só musculo massas carnosas, que outros dividem em muitas porções, e concebe-se que isto procede do

modo de dissecar-los e de encara-los. Alguns golpes de escalpello de mais ou de menos, augmentão ou diminuem o seu numero. »

« Não tem ainda sido determinado de um modo rigoroso, diz Jules Cloquet, o numero dos musculos do corpo humano; porque muitos autores tem considerado como um só musculo, uma reunião de feixes, que outros tem descripto como outros tantos órgãos distinctos. »

Blandin, depois de dizer que são mui numerosos, accrescenta o seguinte : « Seu numero tem sido avaliado differentemente pelos anatomistas. Chaussier o elevou a trezentos e sessenta e oito; outros tem contado um maior numero. Estas variações a respeito de uma materia que parece fixa e constante não depõe contudo nem contra a perfeição da sciencia da organização, nem contra os homens que a cultivão; por pouco que sobre isso se reflecta, facil será de certo comprehender que a multiplicidade dos feixes de certos musculos, multiplicidade esta que tem feito com que uns aggrupem em um só musculo, o que outros tem representado como constituindo órgãos distinctos, é o unico motivo dessa divergencia de opiniões. »

Brierre de Boismont e Beclard dizem que seu numero é de trezentos a quatrocentos.

Broc diz que é difficil contar-se.

O Sr. Dr. Jonathas Abbott, fallando da divergencia dos anatomistas a respeito da enumeração dos musculos e da fallencia dos normaes e apparecimento de supranumerarios, assim se exprime: « Com taes caprichos dos homens e da natureza não admira ser incerto o numero dos musculos; mas não creio ser muito exagerado o numero de quinhentos e sessenta. » Todavia, o illustre professor da Bahia enumera seiscentos musculos em sua Tabella!

Muitos autores só se contentão em descrever musculos sem nada dizerem quanto ao seu numero. Muitos nos deixão duvidosos ácerca dos que devem ser considerados como impares. Estes ora são augmentados por alguns quanto ao numero, ora dados por alguns como pares. Finalmente grande numero de musculos são descriptos por um ou outro, entretanto que a maioria de escriptores não os menciona.

Pelo que fica dito poder-se-ha julgar não só quaes as difficuldades da tarefa que nos foi imposta, como tambem qual nossa incerteza depois de milhares de confrontações e enumerações. A lembrança do cumprimento da lei nos fez tomar um partido.

O quadro apresentado por Bayle agradou-nos. Na nomenclatura e distribuição dos musculos nota-se concisão e methodo. Nós o imitamos, e tanto mais que nesse trabalho elle adoptou a distribuição evidentemente preferivel por muitas razões; isto é, em regiões, segundo a ordem anatomica.

Já Galeno, na descripção dos musculos tinha seguido a ordem de sua superposição, ordem de certo topographica, que depois foi substituida por Vésalo pela physiologica; adoptada tambem por Winslow. Este ultimo methodo era baseado na consideração dos usos dos musculos. Veio Albinus, e fez vulgarisar o methodo de Galeno. Então já elle dividia os musculos em quarenta e oito regiões no homem, e quarenta e seis na mulher. Tal foi o methodo abraçado por Sabatier, Soemmering, Portal, Boyer, Bichat, e outros, e que já aperfeiçoado por Vieq-d'Azyr, que subdividiu os grupos estabelecidos por Albinus, tem sido adoptado por quasi todos os anatomistas modernos.

Esta ordem *topica*, segundo Marjolin, tem vantagens incontestaveis.

1.^a Póde-se disseccar todos os musculos em um mesmo individuo; 2.^a podem ser com mais facilidade distinctos uns dos outros; 3.^a conservão se suas relações reciprocas, e as que elles tem com outros órgãos vizinhos; 4.^a não nos expõe a ter idéas falsas ou incompletas de seus usos; 5.^a basta que nos recordemos da ordem que se seguiu na disseccção, para que nos lembremos de suas connexões principaes.

Os musculos (*) são órgãos molles, mais ou menos avermelhados, compostos de feixes de fibras, tendo por base a fibrina, e por character essencial o serem eminentemente contracteis.

Os musculos se achão distribuidos nas diversas regiões do corpo humano, o qual dividem os anatomistas em cabeça, tronco e membros, além das subdivisões que no quadro apresentámos.

Dos musculos poucos são impares; porém a respeito do numero destes mesmos são tambem discordes os autores. Assim Chaussier apresenta dez. Boismont e Boyer cinco, e neste numero conta este o *sphincter interno* do anus, o qual, segundo Bichat, Cruveilhier e outros muitos, deve

(*) É o que o vulgo chama carne. A etymologia do termo parece melhor vir de um outro grego, que significa *mover*, do que do latino *mus*, o que parece bem ridiculo na opinião de Chaussier. Os antigos comparáram os musculos com ratos esfolados.

ser considerado como as *ultimas fibras do intestino rectum*. Bayle diz que são quatro (*).

Não nos sendo pois possível o fixar o numero dos musculos pelas razões que hemos expellido, apresentamos um quadro á imitação do de Bayle, juntando algumas considerações e annotações que nos ministrou a leitura dos autores. Imperfeitissimo é por certo o nosso trabalho; assim permitta-se-nos que alludamos á nossa tarefa o que diz Pope :

Whoever thinks a faultless piece to see,
Thinks what ne'er was, nor is, nor e'er shall be.

(*) Chaussier dá como impar : Occipito-frontal. Porção do mento-labial (levantador do mento ou pincel do mento) Labial. Arytenoideo. Mylo-hyoideo. Diaphragma. Coccygio-anal (sphyncter externo). Sub-pubio-coccygiano (levantador do anus). Ischio-perineal (transverso do perineo) Perineo-clitoriano (constrictor da vagina).

Boyer diz : « D'entre os musculos só são impares, o Orbicular dos labios, Arytenoideo, Diaphragma e o Sphyncter externo e interno do anus; todos os outros são pares. »

Bayle assim falla : « O numero total dos musculos sobe a quinhentos e doze, entre os quaes duzentos e quarenta e oito são pares, e dispostos de cada lado do corpo, e quatro são impares situados na linha mediana. Deve-se accrescentar a esse numero os seis musculos do tympano e os nove do larynge, o que o eleva a quinhentos e vinte sete. »

Boismont conta os seguintes impares—Diaphragma, Sphyncter da bocca e do anus, Arythenoideo, e muitas vezes, diz elle, o levantador da luetta (palato-staphilino).



TERCEIRO PONTO.

Do regimen das classes pobres e dos escravos na cidade do Rio de Janeiro em seus alimentos e bebidas. Qual a influencia sobre a saude.

Ex alimento robur , ex alimento morbus.

HIPPOCR.

PROPOSIÇÕES.

I.

A carne secca , o feijão , a farinha de mandioca , o arroz , o pão , o angú (dito de quitandeira) , alguns peixes , e principalmente alguns crustaceos , eis a alimentação quasi exclusiva das classes pobres e dos escravos na cidade do Rio de Janeiro.

II.

Os escravos de serviço domestico , por isso que quasi sempre participão da mesa dos senhores são em geral melhor alimentados.

III.

Os que andão ao ganho (cargueiros), por isso que se alimentão de pessimos guisados, e de diversas iguarias damnosas, que pelas ruas e nas praças se vendem, estão expostos a muitas enfermidades.

IV.

Sendo de ordinario de pessima qualidade os viveres apontados, accresce quanto aos peixes, que em geral são prejudiciaes á saude os de que se servem as classes pobres e os escravos, não só pela sua natureza (uns), sempre, como tambem em certos tempos (outros).

V.

Além da agua, que é a bebida por excellencia, e a que quasi sempre mais convém, muitos das classes pobres, e quasi todos os escravos são dados ás bebidas alcoolicas.

VI.

As bebidas alcoolicas, não só pelo abuso que dellas se faz, como pelas falsificações e ingredientes que quasi sempre lhes lanção os vendedores, expõem os consumidores a muitos males.

VII.

As classes pobres e os escravos fazem uso immoderado da infusão de café.

VIII.

De ordinario esta infusão adoçada (ou mate) e o pão constituem o almoço e cêa, sendo o jantar constituido pelo feijão e carne secca e farinha de mandioca, algumas vezes arroz. Outras vezes, si ha peixe, é o jantar formado de sôpa com camarões, algumas sardinhas e feijão, ou algum peixe tal como o chamado vulgarmente *xaréu*, *peixe cachorro*, *corvina* (de arribação), &c.

IX.

A agua de cevada (que tal não tem), o hydromel (agua de mel, maduro) o aroá (de milho ou de arroz), são bebidas, quando não uteis, innocentes.

X.

A laranja e a banana são os fructos de que usão as classes pobres e os escravos e no tempo da abundancia.

XI.

Os mendigos, devendo a subsistencia á caridade publica, que é bem exercida no Rio de Janeiro (honra lhe seja feita), participão de ordinario da alimentação dos abastados. Á crápula devem alguns muitos dos seus males.

XII.

As crias, em geral, não só não são aleitadas pelo tempo necessario; mas lhes é o leite materno substituido, ou por alimentos que lhes não convém ou por aleitamento artificial, para que sejam as mãis alugadas como amas, ou para não deixarem de trabalhar.

XIII.

O uso immoderado de certos condimentos taes como o azeite de dendê, a pimenta, &c., principalmente no adubo dos brédos (carurús , quibêbes), é causa de certas enfermidades.

XIV.

Um tal genero de alimentos e bebidas influindo poderosamente sobre a saude dos individuos, os tornará sujeitos ás indigestões, diarrhéas, dysenterias, hemorrhoidas e a todas as molestias das vias digestivas, angio-leucite, congestões cerebraes e pulmonares, ás molestias do coração, ás affecções nervosas, delirium tremens, apoplexias, &c., emfim vermes intestinaes e gastro-hepato-entero-mesenterites de que fallecem quasi sempre as crias.



HIPPOCRATIS APHORISMI.

I.

Ad extremos morbos, extrema remedia exquisitè optima.—Sect. 1.^a, aph. 6.

II.

Duobus doloribus simul obortis, non eodem loco, vehementior obscurat alterum.—Sect. 2.^a, aph. 24.

III.

Impura corpora, quò plus nutriveris, eò magis lædes.—Sect. 2.^a aph. 10.

IV.

Mulieri, deficientibus menstruis, è naribus fluere sanguinem, bonum.—Sect. 5.^a, aph. 33.

V.

In acutis morbis extremarum partium refrigeratio, malum.—Sect. 7.^a, aph. 1.

VI.

In omni morbo mente valere, et bene se habere ad ea, quæ offeruntur bonum est : contrarium verò, malum.—Sec. 2.^a aph. 33.

Esta these está conforme aos estatutos.

Rio de Janeiro, 15 de Outubro de 1851.

DR. JOÃO JOSÉ DE CARVALHO.

QUADRO DOS MUSCULOS DO CORPO HUMANO DISTRIBUIDOS EM REGIÕES.

§ I. MUSCULOS DA CABEÇA.

I. MUSCULOS DO CRANEO.

- 1.º Região epicraniana Musc. occipito-frontal (4).
- 2.º Região auricular.
 - auricular superior.
 - anterior.
 - posterior (2).

II. MUSCULOS DA FACE.

- 1.º Região palpebral.
 - Musc. palpebral.
 - superciliar.
 - levantador da palpebra superior.
- 2.º Região ocular.
 - Musc. levantador do olho.
 - abductor.
 - adductor.
 - grande rotador.
 - pequeno.
- 3.º Região nasal.
 - Musc. piramidal do nariz (3).
 - dilatador.
 - levantador commun da aza do nariz e do labio superior.
 - abaixador da aza do nariz.
- 4.º Região maxillar superior.
 - Musc. levantador do labio superior.
 - canino.
 - grande zygomático.
 - pequeno (4).
- 5.º Região maxillar inferior.
 - Musc. abaixador do angulo dos labios.
 - do labio inferior.
 - levantador do mento (5).
- 6.º Região inter-maxillar.
 - Musc. buccinador.
 - labial (6).
- 7.º Região pterygo-maxillar.
 - Musc. pterygoideo interno.
 - externo.
- 8.º Região tempor-maxillar.
 - Musc. masseter.
 - temporal.

(1) Este musculo é tomado pelos Auteurs, ora como um com dois ventres, ora como a reunião de dois musculos distinctos. Portal dá como musculo epicraniano não só o occipital e frontal, mas ainda o pyramidal do nariz, e os auriculares anterior e superior.

(2) Cingindo-nos a Bayle no quadro das regiões que apresentamos, só citamos os musculos extrinsecos do pavilhão da orelha, e até porque dos outros em geral os Auteurs tratão somente na Splanchnologia; são elles os chamados intrinsecos, e os da caixa do tympano. A respeito dos primeiros diz Blandin que são muito desenvolvidos no homem, algumas vezes mesmo são completamente atrophiados e reduzidos a um tecido celular que se não distingue do resto do tecido sub-cutaneo. Bayle, Lauth, Blandin, Marjolin e outros contão 5 e são: o grande musculo da helice, o pequeno musculo da helice, o musculo do trago, o musculo do antitrago e o musculo transversal do pavilhão. Chaussier acrescenta a estes o musculo do conducto oculo-auricular. A res, oito dos musculos da caixa do tympano, Bierre de Boismont, Lauth, Blandin, Chaussier dão 4 que são o externo, o interno e o anterior do amarello e o do estribo. Pela dificuldade de prepara-los, e pela sua pequenez não é de admirar que alguns tenham escapado á vista de alguns anatomistas. Lieutaud e Haller já tinham duvidado da existencia do anterior e do externo; outros como Bayle, Stammering e Bichat contão um interno e um anterior do martello e do estribo.

(3) Quasi que este musculo, segundo muitos Auteurs, não é mais que um pequeno prolongamento super-asal, ou anterior do musculo occipito-frontal. Deprehende-se da descripção de Chaussier, Cruveilhier, e Marques, que elles considerão como par este musculo, entretanto que a maioria dos Auteurs o considera impar.

(4) Este musculo falta algumas vezes, e, segundo Blandin, Cruveilhier e outros, pôde ser considerado como uma dependencia do musculo levantador do labio superior.

(5) Chaussier, que considera este musculo e o musculo abaixador do labio inferior como um só, sendo inteiramente differentes, é censurado por Blandin. Este musculo é par, e ambos se confundem sobre a symphise do mento, onde se pôde, separa-los, como observa a maioria dos Auteurs; todavia Chaussier o toma como impar.

(6) Todos os Auteurs com Winslow considerão este musculo como dois semi-orbitulares, ou duas semizonas de feixes concentricos, semi-ellipticos. Diz Cruveilhier que nenhuma região apresenta tão grande numero de musculos como a abertura da bocca, 17, 19, e muitas vezes, diz elle, 21 musculos se achão agrupados em roda da bocca. Depois de enumerar os que sempre existem, falla no pequeno zygomático, e no resíduo de Santorini. Blandin diz que todos os Auteurs repetem á porfia que o orbicular dos labios é formado pela maior parte dos pequenos musculos faciaes que convergem para a abertura buccal, o que não é exacto, e só aquillo acontece com os musculos buccinador e grande zygomático: que outros pequenos musculos vem á região occupada pelo orbicular, mas não se confundem com elle, e só adherido á pelle que o recobre. Nem este Auctor nem Bayle, nem Boyer, nem alguns outros tratão do musculo risório de Santorini. Marjolin, Lauth o descreve, e ensina a prepara-lo. Lauth e outros descrevem o musculo naso-labial de Albinus e bigodeiro (moustachier), o qual é considerado por alguns como uma raiz do musculo labial, e muitos não o mencionão. Este musculo, segundo muitos Auteurs, é difficil de ver-se em muitos individuos.

§ II. MUSCULOS DO TRO.

I. MUSCULOS DO PECCUDO.

- 1.º Região cervical superficial.
 - Musc. cuticular.
 - sterno-mastoideo.
- 2.º Região hyoidea superior.
 - Musc. digastrico.
 - stylo-hyoideo.
 - mylo-hyoideo.
 - genio-hyoideo.
- 3.º Região hyoidea inferior.
 - Musc. omoplast-hyoideo.
 - sterno-hyoideo.
 - thyro-hyoideo.
 - thyro-hyoideo.
- 4.º Região pharyngea.
 - Musc. constritor inferior.
 - stylo-pharyngea.
- 5.º Região cervical profunda.
 - Musc. grande recto da cabeça.
 - pequeno.
 - longo da cabeça.
- 6.º Região cervical lateral.
 - Musc. scal.
 - recto lateral.
- 1.º Região thoracica anterior.
 - Musc. grande peitoral.
 - pequeno.
 - subclavio.
- 2.º Região thoracica lateral.
 - Musc. grande dentado.
- 3.º Região inter-costal.
 - Musc. intercostaes (13).
 - superficiaes (14).
 - triangular ste.

(7) Já Stenon e Winslow admittão um intrinsecos da lingua de fibras transversaes, e outros de fibrilindines. A estes ultimos, diz Marjolin, pertence o musculo Blandin o considera como intrinsecos, e censura aos outros como extrinsecos.

(8) Este musculo é considerado por Brierre de Boismont como impar muitas vezes.

(9) Este musculo é tido como impar poisier, Lauth, Blandin, Cruveilhier que quasi considerão como um separado por uma intersecção aponevrotica.

(10) Diz Cruveilhier que é tra feixe de q... em feito dos pequenos musculos separados por uma linha alosa, e impossivel ás vezes de separa-los Blandin diz muitas vezes os dois musculos se confundem por se pouco se sente o intervalo celular.

(11) Os musculos desta região forão prod... ente multiplicados por Santorini, o qual, segundo Blandin, quasi tantos quantos são os pontos de inserção que apre a cavidade desta cavidade. Espanha certamente a idade das subdivisões que fazem os Auteurs! Albinus os dá a tres constritores. Chaussier só dava um musculo, o stylo-pharyngea. A divisão porém de tres constritores e stylo-pharyngea é geralmente adoptada. Marjolin conta um glosso-pharyngea incluído no musculo constritor superior. Além disso, não é raro encontrar-se o musculo constritor superior provido de um feixe. Albinus chamou o stylo-pharyngea, e Cruveilhier aponta como o stylo-pharyngea extrinsecos, o stylo-pharyngea de Rioliato, e o stylo-pharyngea de Santorini e Winslow. Estes dois Auteurs, o Haller, chamão musculo salpingo-pharyngea uma se glandulas parotidas!

(12) Quasi todos os Auteurs tratão dos musculos intrinsecos da larynge na Splanchnologia, e assim nos damos á parte. Sea numero e de nove para muitos Auteurs, thyroideo, crico-arytenoideo posterior, crico-arytenoideo anterior e o arytenoideo: este é em tres, dando o nome a certas fibras de arytenoideo obliquo transverso. Bierre de Boismont, Lauth, e outros, além disso, ainda considerão um thyro-epiglottico. Os outros, como de grande parte, o glosso-pharyngea, nunca foi encontrado por Cruveilhier. Chaussier diz que raras vezes se percebe, e este quinze musculos do larynge!

(13) Onze de cada lado.

(14) Onze de cada lado. Os musculos de Verheyen pouco constantes em numero e posição (verpre quatro, e faltando ora de um lado ora de ambos) pôde considerados como uma dependencia daquelles.

(15) Doze de cada lado. Estes musculos feixes mais posteriores dos intercostaes externos (Blandin).

4.º Região diaphragmatica. Musc. diaphragma (16).

III. MUSCULOS DO ABDOME.

- 1.º Região abdominal.
 - Musc. grande obliquo.
 - pequeno.
 - recto.
 - transverso.
 - pyramidal (17).
- 2.º Região lombar.
 - Musc. grande psoas (18).
 - pequeno (19).
 - ilíaco.
 - quadrado dos lombos.
- 3.º Região anal.
 - Musc. levantador do anus (20).
 - ischio-eccygiano.
 - sphincter do anus (21).
- 4.º Região genital.
 - Musc. cremaster (22).
 - ischio-cavernoso (23).
 - bulbo-cavernoso (24).
 - transverso do perineo (25).

(16) O diaphragma, que todos os Auteurs considerão impar, já foi pelos antigos dividido em grande e pequeno diaphragma.

(17) Encontra-se ás vezes duas pyramides de um lado, e um do outro, e outras vezes faltão. Se faltão, diz Cruveilhier, vê-se a extremidade inferior do musculo recto reforçada proporcionalmente. Quand existem, este reforço é menos consideravel. Ha pois uma sorte de solidariedade entre os ditos musculos.

(18) Cruveilhier considera e descreve este musculo e o ilíaco como um só, pr terem a mesma inserção movel. Blandin dá a differença nos uns só quanto á não exercer o ilíaco tracção alguma sobre a espinha.

(19) São muitas vezes, diz Blandin, que este musculo falta, do que se dá a este. Cruveilhier assevera que se tem visto este musculo duplo.

(20) Do bordo anterior deste musculo, fez Wilson um musculo, e que Santorini chama levator prostatae. O levantador do anus e ischio-eccygiano não fazem mais do que um e mesmo musculo segundo Cruveilhier. Chaussier o considera impar.

(21) Quasi todos os Anatomistas concordão em que o Sphincter interno de alguns Auteurs são as fibras inferiores do intestino rectum. Bichat diz que a descripção desse musculo pertence evidentemente á do rectum; entretanto Albinus, Stammering, Winslow, Douglas, Sabatier, Boyer, Marjolin, o descrevem em separado.

(22) Na opinião de muitos Auteurs entre os quaes se nota Boyer, Lauth, Blandin, Bayle, este musculo é formado por uma emanção do bordo inferior do pequeno obliquo, e mais por algumas do transverso, segundo outros. Cruveilhier, contestando á Jules Cloquet, dá que muitas vezes este musculo é formado em parte por fibras do pequeno obliquo; mas em parte também por fibras proprias nascidas da arcada crural, na vizinhança do pilar externo do anel, e que é no cavallo inteiro que se pôde bem ver a differença entre o cremaster e as fibras inferiores do pequeno obliquo.

(23) Este musculo é commun aos dois sexos e muito desenvolvido no homem.

(24) A analogia que existe entre este musculo e o constritor da vagina levou Blandin a denomina-los — ano-cavernosos — tendo no homem o nome special de bulbo-cavernoso, e na mulher o de constritor ou sphincter da vaes. Estes musculos são tidos por uns Auteurs como impares, taes são Sabatier, Chaussier, Blandin, Bayle, Lauth, Marjolin e outros. Cruveilhier, Bierre de Boismont, Marques e outros considerão pares.

(25) Este musculo não só falta muitas vezes, como nem sempre tem a mesma direcção. Elle é par na opinião de muitos. Cruveilhier diz que raras vezes mais que um musculo semi-anular, cuja concavidade posterior abraça a parte anterior do rectum. Chaussier também o considera impar (ischio-perineal).

(26) Como uma linha cellulosa divide este musculo designadamente na parte superior, foi elle dividido por Vesalo, Albinus, Albucasis, Stammering e Meckel em pequeno e grande rhomboide.

(27) Considera Cruveilhier, o pequeno complexo como um outro musculo de reforço destinado a continuar o longo dorsal até á cabeça. Dá-lhe razão Blandin.

(28) Cruveilhier toma o grande recto posterior da cabeça como um inter-espinhoso-extrido occipital e o pequeno recto posterior da cabeça — um inter-espinhoso-atruido occipital, e nota a inconveniencia do nome de rectos; pois são obliques.

6.º Região vertebral.

- Musc. longo dorsal (29).
- sacro-lombar.
- transversario.
- espinhoso.
- inter-espinhoses cervicaes (30).
- inter-transversarios do pesc. (31).
- dos lombos (32).

§ III. MUSCULOS DOS MEMBROS.

I. MUSCULOS DOS MEMBROS SUPERIORES OU THORACICOS.

- 1.º Região scapular.
 - Musc. super-espinhoso.
 - sub.
 - pequeno redondo.
 - grande.
- 2.º Região scapular anterior.
 - Musc. sub-scapular.
- 3.º Região scapular externa.
 - Musc. deltoide.
- 4.º Região brachial anterior.
 - Musc. coraco-brachial.
 - biceps.
 - brachial anterior (34).
- 5.º Região brachial posterior.
 - Musc. triceps brachial.
- 6.º Região antibrachial anterior e superficial.
 - Musc. grande pronador.
 - palmar.
 - pequeno (35).
 - cubital anterior.
 - flexor superficial dos dedos.
- 7.º Região antibrachial anterior e profunda.
 - Musc. flexor profundo dos dedos.
 - grande flexor do polegar.
 - pequeno pronador.
- 8.º Região antibrachial posterior superficial.
 - Musc. extensor commun dos dedos.
 - do dedo minimo.
 - cubital posterior.
 - anconeo.
- 9.º Região antibrachial posterior e profunda.
 - Musc. grande abductor do polegar.
 - extensor.
 - pequeno.
 - extensor do dedo indice.
- 10.º Região radial.
 - Musc. grande supinador.
 - pequeno.
 - primeiro radical.
 - segundo.

(34) O diaphragma, que todos os Auteurs considerão impar, já foi pelos antigos dividido em grande e pequeno diaphragma.

(35) Encontra-se ás vezes duas pyramides de um lado, e um do outro, e outras vezes faltão. Se faltão, diz Cruveilhier, vê-se a extremidade inferior do musculo recto reforçada proporcionalmente. Quand existem, este reforço é menos consideravel. Ha pois uma sorte de solidariedade entre os ditos musculos.

(36) Cruveilhier considera e descreve este musculo e o ilíaco como um só, pr terem a mesma inserção movel. Blandin dá a differença nos uns só quanto á não exercer o ilíaco tracção alguma sobre a espinha.

(37) São muitas vezes, diz Blandin, que este musculo falta, do que se dá a este. Cruveilhier assevera que se tem visto este musculo duplo.

(38) Cruveilhier considera e descreve este musculo e o ilíaco como um só, pr terem a mesma inserção movel. Blandin dá a differença nos uns só quanto á não exercer o ilíaco tracção alguma sobre a espinha.

(39) São muitas vezes, diz Blandin, que este musculo falta, do que se dá a este. Cruveilhier assevera que se tem visto este musculo duplo.

II. MUSCULOS DOS MEMBROS INFERIORES OU ABDOMINAES.

- 1.º Região glutea.
 - Musc. grande gluteo.
 - medio.
 - pequeno.
- 2.º Região palmar interna.
 - Musc. palmar carpo.
 - adductor do dedo minimo.
 - pequeno flexor.
 - oppositor.
- 3.º Região palmar externa.
 - Musc. lumbricæ (36).
 - inter-ossos (37).

(38) Faltão algumas vezes, segundo Cruveilhier.

(39) Cruveilhier, Blandin, e todos os Auteurs modernos reúnem sob a denominação de triceps femoral estes dois musculos, ou antes duas porções de um musculo, que a maior parte dos Auteurs descrevem em separado. Assim a porção media ou longa e o recto anterior, a externa e interna (musculo vasto externo e vasto interno) e o triceps.

2.º Região pelvi-iliacuanteriana.

- Musc. obturador interno.
- externo.
- pyramidal.
- gêmeo superior.
- inferior.
- quadrado crural (38).

3.º Região crural anterior.

- Musc. costoreio.
- recto anterior.
- triceps crural (39).

4.º Região crural posterior.

- Musc. semi-aponevrotico.
- semi-tendinoso.
- biceps crural.

5.º Região crural interna.

- Musc. pectineo.
- recto interno.
- grande adductor da coxa.
- medio.
- pequeno (40).

6.º Região crural externa.

- Musc. tensor da aponevrose crural.

Musculos da perna.

- 1.º Região tibial anterior.
 - Musc. tibial anterior.
 - grande extensor dos dedos do pé.
 - extensor proprio do dedo grande.
 - pequeno peroneo (41).
- 2.º Região tibial posterior e superficial.
 - Musc. gastrocnemio.
 - solar (42).
 - plantar delgado (43).
 - popliteo.
- 3.º Região tibial posterior e profunda.
 - Musc. grande flexor dos dedos do pé.
 - do dedo grande.
 - tibial posterior.
- 4.º Região peronea.
 - Musc. grande peroneo.
 - medio.

Musculos do pé.

- 1.º Região dorsal do pé.
 - Musc. pedioso.
- 2.º Região plantar media.
 - Musc. pequena flexor dos dedos do pé.
 - accessorio do grande flexor.
 - lumbricæ (44).
- 3.º Região plantar interna.
 - Musc. adductor do dedo grande.
 - pequeno flexor.
 - abductor obliquo.
 - transv.
- 4.º Região plantar externa.
 - Musc. abductor do dedo minimo.
 - pequeno flexor.
- 5.º Região inter-ossa.
 - Musc. inter-ossos (45).

Tendo nós já tratado de todos os musculos do corpo humano, que são por Bayle classificados em regiões, conforme o nosso plano, e attenta a latitude com que é concebido o nosso ponto, resta-nos agora dizer algumas palavras sobre outros musculos a maior parte dos quaes entrão na composicao das diversas visceras, nelles servindo para os movimentos que ali se dão.

1.º Os musculos intrinsecos do pavilhão da orelha. } Vide anota 2.º Os musculos da caixa do tympano. } n.º 2.

3.º Os musculos do larynge. Vide, a nota n.º 12.

4.º O coração, cuja natureza essencialmente musciosa é por todos reconhecida.

5.º A tunica musciosa do tubo digestivo, constante de fibras longitudinaes, e fibras transversaes collocadas inteiramente em relação ás outras, sendo a terminação inferior destas ultimas que por alguns Auteurs foi considerada como sphincter interno do anno. Devemos notar que no estomago ha, além destas, fibras obliques, que são as incisantes.

6.º A tunica musciosa da bexiga.

7.º O periteneo um tecido proprio do utero (evidentemente musculosos durante a prehe) e os ligamentos redondos, que são o prolongamento dos feixes musculosos que formão o plano anterior do mesmo utero.

(38) Faltão algumas vezes, segundo Cruveilhier.

(39) Cruveilhier, Blandin, e todos os Auteurs modernos reúnem sob a denominação de triceps femoral estes dois musculos, ou antes duas porções de um musculo, que a maior parte dos Auteurs descrevem em separado. Assim a porção media ou longa e o recto anterior, a externa e interna (musculo vasto externo e vasto interno) e o triceps.

(40) A maior parte dos Auteurs, attendendo só ao volume e comprimento dos musculos, distinguem tres adductores da coxa, que uns, pela ordem de sua superposição, chamão, primeiro, segundo, terceiro; outros, pelo volume, chamão grande medio e pequeno. Meckel, Cruveilhier e Blandin contão quatro, e neste numero entra o pectineo. Alada Cruveilhier divide os quatro adductores em superficiaes (o pectineo e grande adductor) e profundos (os mais posteriores o pequeno e grande adductor).

(41) Este musculo inconstante, em grande parte (quando existe) confundido com — o grande extensor dos dedos do pé — a ponto de não poder ser distincto, e que já por isso Cruveilhier o denominou para extensoris digitorum pedis longi e Morpagui — quintus tendo extensoris longi digitorum pedis; é reunido por Cruveilhier ao grande extensor.

(42) Cruveilhier considera os dois gastrocnemios e solar reunidos constituindo um musculo triceps (musculus surae. Semmering).

(43) Este musculo, que falta muitas vezes, unica e duplo, e Cruveilhier o considera como rudimentar no homem, ou como accessorio do gastrocnemio externo.

(44) Em numero de quatro.

(45) Distinctos em doisas (4) e plantares (5).

ERRATA.

PAGINA.	LINHAS.	ERROS.	EMENDAS.
4	3	<i>Si é o calix a flôr</i>	se é o calix, por exemplo, a flôr
5	23	<i>que tanto as embelleza</i> accrescenta-se:	é produzido pelo reflexo da luz sobre sua superficie, onde se notão papilas conoides.
20		Proposição 8. ^a (<i>ou mate</i>)	ou a de mate

